

ESTILOS ARQUITETÔNICOS NO CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO BATISTA NO RIO DE JANEIRO

ARCHITECTURAL STYLES IN THE CEMETERY OF SÃO JOÃO BATISTA IN RIO DE JANEIRO

Stela Gláucia Alves Barthelⁱ

Resumo: O Cemitério de São João Batista é um dos mais antigos cemitérios públicos do país. Abriga um acervo de arquitetura que abarca diferentes estilos, além de conjugá-los com obras de arte, como esculturas, vitrais, azulejos, relevos, letreiros e painéis. A partir de uma amostra aleatória, foram analisados vinte e cinco jazigos, nas categorias de Túmulos, Mausoléus-Capela e Mausoléus-Monumento, que contemplam quatro estilos arquitetônicos, identificados em ordem cronológica, a partir de meados do século XIX, quando o cemitério foi inaugurado, até meados do século XX: o Neoclássico, o Ecletismo, o Neocolonial e o *Art Déco*. O artigo enfoca a relação entre a posição que os indivíduos ocupavam, os seus *status*, expressos nas formas e nos estilos dos jazigos, marcando a paisagem e examina a passagem do tempo, através das técnicas construtivas empregadas, testemunhos de uma época e de modas e gostos passados. **Palavras-Chave:** Arqueologia Funerária. Estudos Cemiteriais. Estilos arquitetônicos.

Abstract: São João Batista Cemetery is one of the oldest public cemeteries in the country. It houses a collection of architecture that encompasses different styles, in addition to combining them with works of art, such as sculptures, stained glass, tiles, reliefs, signs and panels. From a random sample, twenty-five tombs were analyzed, in the categories of Tombs, Mausoleums-Chapel and Mausoleums-Monuments, which include four architectural styles, identified in chronological order, from the mid-nineteenth century, when the cemetery was inaugurated, until the mid-twentieth century: the Neoclassical, Eclecticism, Neocolonial and Art Déco. The article focuses on the relationship between the position that individuals occupied, their status, expressed in the form and styles of the tombs, marking the landscape and examines the passage of time, through of the constructive techniques employed, testimonies of an era and past fashions and tastes.

Keywords: Funerary Archaeology. Cemetery Studies. Architectural Styles.

ⁱ Arquiteta, mestre e Doutora em Arqueologia e Conservação do Patrimônio. E-mail: stela_barthel@hotmail.com

Introdução

Após uma epidemia de febre amarela na cidade do Rio de Janeiro (entre 1849 e 1850), agravada pelas condições de habitação, com ruas estreitas, sem ventilação e insolação, pela presença dos morros, por ter áreas de mangue, sem saneamento básico, as teorias higienistas ganharam força e vigoraram até o final do século XIX. Dizia-se que o ar da cidade estava contaminado pelos miasmas, que decorriam da putrefação dos corpos das pessoas contaminadas pela doença. Não eram mais possíveis os enterramentos intramuros, nas igrejas, causando a transferência dos mortos para locais fora dos espaços dos vivos e longe destes, quase como se a morte precisasse ser escondida (Silva; Rocha, 2021).

O Cemitério de São João Batista foi criado pelo Decreto Imperial n°. 482, de 16 de outubro de 1851 e chegou a funcionar provisoriamente em outra localidade, o Hospício D. Pedro II, enquanto se buscava um local adequado para a implantação definitiva. Foi inaugurado em 1852, pelo Imperador D. Pedro II. Hoje ocupa uma vasta área (183.000 m²), cercada pelo Morro de São João e dentro dele passa canalizado o rio Berquó. O espaço pertencia à antiga Chácara Berquó e outras propriedades foram adquiridas e incorporadas ao longo do tempo para ampliações (em 1857, 1873, 1903 e 1939) e houve obras de aterro e drenagem (Nogueira, 2011). Fica próximo ao Morro do Corcovado, onde se encontra a imagem do Cristo Redentor, um dos símbolos da cidade (Figura 1).

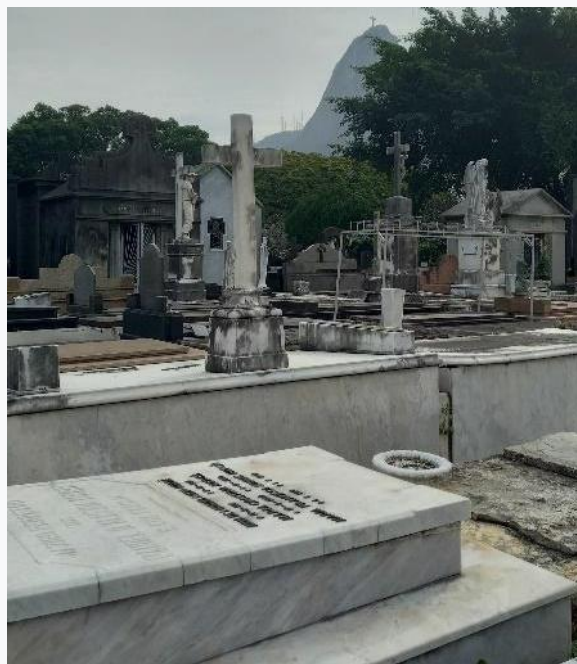


Figura 1: Vista do Cemitério de São João Batista, bairro de Botafogo-RJ. Fonte: Stela Barthel, 2023.

É o segundo cemitério extramuros da cidade, O primeiro foi o Cemitério dos Ingleses (*British Burial Garden*), particular, inaugurado em 1811. Assim como aconteceu na cidade do Recife, os anglicanos, membros da colônia inglesa, não podiam ser enterrados nas igrejas católicas e eram enterrados em praias e descampados, como os desvalidos e os escravos, situação que não era bem vista pela sociedade (Melo, 2016). Por isto, um terreno no bairro da Gamboa foi doado pelo Príncipe Regente D. João VI, que tinha dívidas com a Inglaterra, para que este cemitério fosse implantado.

Na época da fundação do Cemitério de São João Batista, quatro décadas depois da inauguração do Cemitério dos Ingleses, o bairro de Botafogo era arrabalde, ficava longe do centro da cidade. Antes da existência dos cemitérios públicos, os membros da elite eram enterrados nas igrejas ou em cemitérios particulares, e os escravos e indigentes em espaços como largos, campos e rocios, que se chamavam “cemitérios dos desvalidos” (Berredo; Gaspar; Rodrigues-Carvalho, 2022), pois essas pessoas não tinham posses para serem sepultadas dentro das igrejas. Posteriormente, passaram a ser sepultadas onde hoje se localiza o Cemitério do Caju (o nome oficial é Cemitério de São Francisco Xavier). Com a urgência causada pela febre amarela, o Cemitério de São João Batista passou então a receber pessoas de todas as classes sociais. A segregação espacial foi reproduzida a partir da cidade dos vivos, entendendo-se isto como o resultado das contradições advindas das relações sociais, que se refletem no espaço urbano (Castells, 1983). A elite hoje ocupa as áreas planas e as classes menos favorecidas a encosta do morro de São João (Silva; Rocha, 2021).

O terreno do cemitério é cortado por quadras e ruas e nas alamedas principais encontram-se os jazigos de famílias importantes (Figura 2). Um pedaço da encosta do Morro de São João foi posteriormente aplainado e um grande espaço abriga as gavetas, tipos de túmulos mais baratos, que hoje são alugados temporariamente (durante três anos) e findo o prazo, se as famílias não puderem arcar com os custos de uma sepultura permanente, os ossos são colocados em um ossuário comum, sem o registro das pessoas (Lima, 1994).



Figura 2: Vista aérea do Cemitério de São João Batista-RJ. Fonte: Google Earth.

Localizado no bairro de Botafogo, entre duas vias importantes, a Rua Real Grandeza e a Rua General Polidoro, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, o Cemitério de São João Batista é o único da região. A Concessionária Rio Pax, que o administra desde 2014, informa que há 65.000 enterramentos nele, com 25.000 jazigos, cuja maioria é católica, embora ele seja multiconfessional. Existem ainda serviços de cremação, que acabam por diminuir a produção artística e arquitetônica, fenômeno que acontece atualmente em todo o mundo.

Ali estão sepultadas grandes personalidades da história do país, como políticos, intelectuais, artistas, por isto é também atração turística, havendo um *tour* a cada mês, dentro do “Projeto Museu a Céu Aberto”, a exemplo do que acontece em alguns cemitérios estrangeiros, como o de La Recoleta, em Buenos Aires e o Père-Lachaise, em Paris. As visitas guiadas, em grupos de até cem pessoas, agendadas com o Historiador da Concessionária Pax, duram uma hora e meia, com atores caracterizados como alguns personagens da estatura de Carmem Miranda e de Santos Dumont. A visita acompanha a evolução dos estilos arquitetônicos presentes no local, que vão do século XIX ao século XX, a saber: Neoclássico, Neogótico, *Art Nouveau*, Eclético,

Neocolonial, *Art Déco* e Modernista. Algumas alamedas do cemitério podem ser visitadas virtualmente pelo sistema *Google Maps-Street View* e em alguns jazigos, há QR codes, que fornecem informação sobre as pessoas que ali estão.

Segundo Costa & Silva (2023) existem duas mortes possíveis: quando se morre e quando se é esquecido. Por isso os jazigos homenageiam as pessoas, fazendo com que os vivos não os esqueçam, são monumentos fúnebres, para se evitar o esquecimento. A Figura 3 mostra a localização do cemitério e as vias de acesso e ainda a área do Morro de São João.

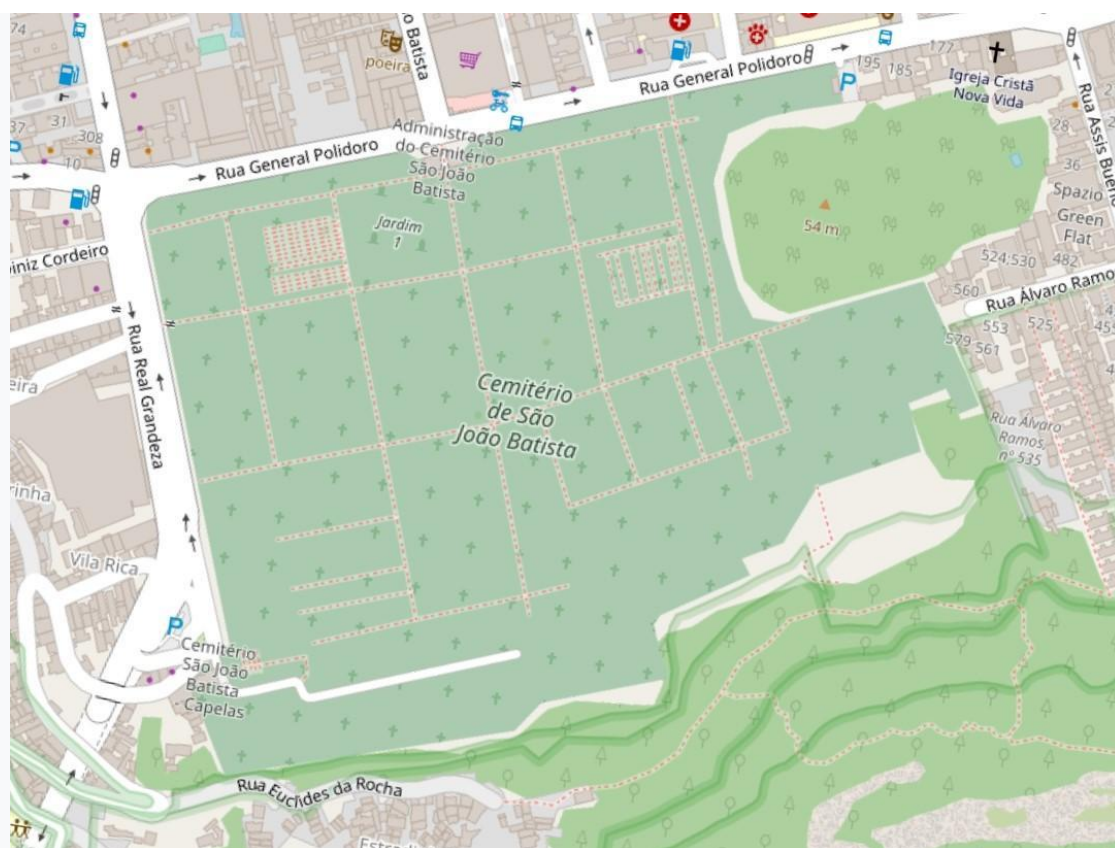


Figura 3: Localização do Cemitério de São João Batista, bairro de Botafogo-RJ. Fonte: Live Earth Map.

Quando foi inaugurado oficialmente, era gerido pela Santa Casa de Misericórdia, mas os enterros começaram antes disto, em 1851. Houve mudanças na forma de se enterrarem os mortos, com a administração saindo das mãos da Igreja Católica, processo que se conhece por secularização. A sepultura mais antiga é de 1858, segundo Lima (1994), mas o site oficial informa que o primeiro enterramento foi em 1852, uma menina de quatro anos (www.cemiteriosaojoabatista.com.br). Para ali foram transportados os restos mortais vindos de igrejas e de outros cemitérios, como o da Praia da Saudade, destruído por uma violenta ressaca (Nogueira, 2011), como é o caso do poeta Álvares de Azevedo.

O Pórtico de entrada (Figura 4), construído em 1860, em blocos em granito, no estilo Neoclássico, é atribuído ao arquiteto carioca José Maria Jacinto Rabelo. Foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) através do Decreto nº. 6934, de 9 de setembro de 1987. Francisco Joaquim Béthencourt da Silva, em 1861, assumiu o cargo de arquiteto da Santa Casa de Misericórdia, que administrava o cemitério (Sobral Filha, 2015). A Igreja de São João Batista, pertencente ao cemitério, também foi projetada por ele.



Figura 4: Entrada do Cemitério de São João Batista, Rua General Polidoro, bairro de Botafogo-RJ. Fonte: Stela Barthel, 2022.

Este artigo analisa as relações existentes entre a cultura material funerária e o *status* dos indivíduos sepultados nos jazigos do Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. O objetivo é demonstrar, através da cultura material expressa nos edifícios e nos elementos artísticos que os acompanham, a forma que as famílias escolheram para homenagear seus mortos, ao mesmo tempo em que deixaram marcados na paisagem o seu poder aquisitivo, pois neste cemitério convivem classes sociais diferentes. A metodologia empregada foi o registro imagético e depois a análise visual, com os jazigos escolhidos aleatoriamente. Existem outros estilos no cemitério, citados anteriormente, além dos quatro analisados, mas por causa da escolha aleatória, estes foram os estilos encontrados no que foi registrado em fotos. Sempre que foi possível, os nomes das famílias às quais os jazigos pertencem, foram assinalados.

Arqueologia Funerária e Arquitetura

A interface entre estas duas áreas do conhecimento permite uma abordagem que analisa os cemitérios como verdadeiros museus a céu aberto (Borges, 2016). São locais de memória e os edifícios podem ser vistos como artefatos feitos por uma sociedade (Orser Jr., 1992), com a função de dar abrigo aos mortos, permitindo que eles sejam lembrados pelas respectivas famílias, de acordo com a posição que estes indivíduos ocupavam na sociedade. A morfologia dos jazigos reflete o *status* dos mortos e suas famílias na materialidade da obra, no sistema construtivo empregado, nos materiais utilizados nos revestimentos, nos estilos arquitetônicos escolhidos e nos profissionais envolvidos, como arquitetos, engenheiros, pedreiros, mestres de obra, artistas e artesãos, nas obras de arte que os acompanham. No Cemitério de São João Batista existem obras de escultores e artistas estrangeiros e brasileiros, de variados estilos. Ali estão as demonstrações de riqueza e poder de uma parcela da sociedade, na hierarquização do espaço (Castro, 2007). O tempo também está refletido nestes edifícios, porque os estilos acompanham a passagem dele, com mudanças nos gostos, nas modas, nas técnicas, nos materiais disponíveis. Os espaços cemiteriais podem ser estudados ao mesmo tempo em que se analisam as transformações ocorridas nas sociedades que os construíram.

A partir da fundação da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (Abec), em 2004, profissionais de diversas áreas vêm abordando o estudo dos cemitérios em diferentes locais do país e com temáticas que abarcam os edifícios, as obras de arte, questões de gênero, questões socioeconômicas, religiosas etc. A obra de Borges, Santos e Gomes (2010) traz uma panorâmica dos estudos Cemiteriais no Brasil, é um catálogo que lista livros, teses, dissertações e artigos sobre o tema. Grassi (2016) escreve o Verbetes “Estudos Cemiteriais” no Dicionário do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Valadares (1972) é o precursor dos Estudos Cemiteriais no Brasil, analisando a arte e a arquitetura tumular. Cymbalista (2001) estudou a morfologia dos jazigos e a monumentalização dos mesmos nos cemitérios de São Paulo. Sobre o Cemitério de São João Batista, especificamente, o trabalho pioneiro de Lima (1994 apud Luiz, 2013) em cemitérios do Rio de Janeiro, onde o cemitério em questão é visto desde o início como um sítio arqueológico, examina a distinção social através da materialidade dos jazigos e já faz a constatação de que o espaço dos mortos reflete o espaço dos vivos, sendo ambos regidos pela mesma lógica de hierarquização. O espaço é cercado, murado, repartido em quarteirões, para ser mais fácil de

controlar. Os jazigos têm números, fazem parte de quadras. A circulação é visível. Nota-se a segregação, a posição que os indivíduos sepultados ocuparam na sociedade.

O trabalho de Nogueira (2011) sobre o estilo *Art Déco* no cemitério, compara este à cidade e o trabalho de Figueiredo (2012), analisa os usos e as práticas sociais, espaciais e simbólicas dentro do cemitério. Outros trabalhos, como o de Silva e Rocha (2021), mais recentes, analisam a segregação socioespacial dentro do cemitério.

A análise dos vinte e cinco jazigos e dos elementos que os acompanham foi feita a partir da cultura material funerária, sendo os jazigos considerados como artefatos datáveis.

Os Tipos de Jazigos analisados

A palavra “Cemitério” designa um local delimitado, onde se enterram pessoas, cujos corpos levam tempo para se decompor, evitando-se contatos que possam propiciar algum tipo de contaminação. Vem do grego *kouméterion*, que significa “eu durmo” (Rezende, 2007). A palavra “Jazigo” vem do verbo Jazer, estar deitado. Daí as lápides em grande parte ostentarem este início de frase: “Aqui jaz...”. Mas a etimologia vem do Latim, “Jacere”, estar deitado ou estendido (Dicionário Michaelis).

Foram identificados três tipos de jazigos onde os quatro estilos foram usados, em vinte e cinco edifícios. A nomenclatura utilizada segue a definição de Lima (1994), empregada também por Santos (2021):

- Túmulos: mais simples e menores, são aqueles onde foram realizados um ou mais enterramentos primários, normalmente em caixões, por isso são alongados. Eles não apresentam elementos encontrados nos Mausoléus-Capela, como janelas, portas, vitrais, óculos etc., embora possam apresentar obras de arte, como esculturas, relevos e signos. Foram selecionados cinco (dois do estilo Neocolonial e três do estilo *Art Déco*);
- Mausoléus-Capela: são numerosos, geralmente reproduzem pequenas igrejas ou templos clássicos, onde é possível a entrada de pessoas, apresentam obras de arte, como esculturas, relevos, inscrições, letreiros etc. Foram selecionados dezessete (cinco do estilo Neoclássico, três do estilo Eclético, um do estilo Neocolonial e oito do estilo *Art Déco*);
- Mausoléus-Monumento: menos numerosos, feitos para homenagear pessoas e fatos históricos, são verdadeiros marcos na paisagem. Entre os três selecionados, todos no estilo *Art Déco*, dois são da Marinha do Brasil, apresentam obras de arte, como esculturas e letreiros e o terceiro pertence a uma família, apresenta esculturas e relevos. Alguns permitem a entrada de

peçoas. A maioria dos Mausoléus-Monumento militares brasileiros (seis ao todo) encontra-se neste Cemitério de São João Batista (Piovesan, 2018).

Estilos de Arquitetura presentes no cemitério

Os quatro estilos analisados (Neoclássico, Eclético, Neocolonial e *Art Déco*) representam um recorte temporal de cerca de cem anos, abarcando o início de funcionamento do cemitério, na segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX.

O estilo Neoclássico

Surgido no século XVIII na Europa, foi utilizado neste cemitério de maneira já tardia, pois esteve em voga no mundo entre 1760 e 1830. O surgimento do estilo se deu por causa de uma importante descoberta arqueológica no século XVIII, as cidades de Pompeia e Herculano, soterradas pelas cinzas do vulcão Vesúvio, no Sul da Itália (Imbroise, Martins, 2023). No Brasil, o estilo encontra-se associado ao período em que o país abrigou a sede do governo de Portugal, com a chegada da Família Real em 1808, culminando em 1822, quando deixa de ser colônia e passa a ser Império. A principal difusora do estilo foi a Missão Francesa, mas já existiam obras anteriores à chegada dela, em cidades como Belém do Pará, Recife e Rio de Janeiro (Sousa, 1999). O estilo utiliza elementos da chamada arquitetura clássica, da Grécia e Roma. Pódio, cúpulas, ordens arquitetônicas (colunas Dórica, Jônica, Coríntia, Toscana e Compósita), entablamentos, frontões triangulares. São comuns os frisos, relevos e métopas. Como o contexto do surgimento é o mesmo da Revolução Industrial, emprega-se o vidro e o ferro.

Alguns autores consideram que o Neoclássico já é Eclétismo, porque é um revivalismo de um estilo do passado, como um Proto-Eclétismo, assim como o Neogótico, enquanto outra corrente considera que depois do Neoclássico e do Neogótico, que é um contraponto ao primeiro, veio o Eclétismo, com referências a vários estilos do passado, às vezes colocados lado a lado numa mesma obra (Patetta in Fabris, 1997). Foram selecionados cinco edifícios. A amostra representa 20% do total de jazigos analisados.

A Figura 5 (a e b) apresentam dois Mausoléus-Capela, onde se notam os frontões triangulares, com frisos. O do lado esquerdo tem relevos em torno do frontão triangular. Há um nome (Zeferino de Oliveira) em letras metálicas, sobre a porta de metal, com vidros. Quatro colunas da ordem Coríntia, com caneluras, sustentam o entablamento. O edifício é de alvenaria de pedra, pintado de branco, assentado sobre um pódio. Há duas estátuas de leões feitas em pedra,

sobre bases, ladeando o pódio. O do lado direito é também de pedra, revestido em granito avermelhado. Duas colunas da ordem Jônica, com caneluras, sustentam o entablamento. Há uma porta de metal, com letreiro em metal sobre ela, com um nome (Aurélio Alves de Oliveira) e uma cruz em granito, no centro do frontão, revestido em mármore branco.



Figura 5: Mausoléus-Capela Neoclássicos. Fonte: Stela Barthel, 2022.

A Figura 6 apresenta dois Mausoléus-Capela, lado a lado, construídos em pedra. Ambos têm frontões triangulares, com frisos e métopas nos entablamentos e as proporções são semelhantes. Ambos empregaram colunas da Ordem Dórica, com caneluras, o do lado esquerdo com quatro, o do lado direito com duas. Estão assentados sobre pódios. As portas são de metal, com vidros. Há um letreiro em metal sobre a porta do lado direito, com o nome da família (Martins Pinheiro).

A Figura 8, outro Mausoléu-Capela construído em pedra, tem frontão triangular, com friso e relevos e um crucifixo sobre ele, com um medalhão, entablamento com relevos, duas colunas da ordem Coríntia, com caneluras, porta de metal e vidro e janelas de metal e vidro. O edifício está assentado sobre um pódio.



Figura 7: Mausoléus-Capela Neoclássicos. Fonte: Stela Barthel, 2022.



Figura 8: Mausoléu-Capela Neoclássico. Fonte: Stela Barthel, 2022.

O estilo Eclético

Surgiu na Europa, por volta de 1840, como movimento artístico, propondo a releitura de outros estilos, além do greco-romano e do Gótico. Utiliza elementos de estilos históricos, às vezes justapostos e os materiais produzidos em escala industrial, como o ferro e o vidro (Patetta in Fabris, 1997). Por causa das referências históricas, muitas vezes são denominados com o nome do estilo original, acrescido do prefixo “Neo”, que significa novo: Neobarroco, Neoegípcio, Neobizantino etc. No Brasil, o estilo está associado ao período do início da República. Foram selecionados três edifícios, que representam 12% do total da amostra.

A Figura 9 mostra um Mausoléu-Capela Eclético, com arcos trilobados, em ferradura, característicos da arquitetura do Islã, também muito utilizados no Gótico com influências bizantinas. Há ainda arcos ogivais, adornados com um elemento em serpentina. Na platibanda, coruchéus, relevos e uma cruz em pedra. Adornos de guirlandas em pedra. O edifício de alvenaria de pedra é aberto, mostrando dois túmulos, com inscrições, medalhões e pias.



Figura 9: Mausoléu-Capela Eclético. Fonte: Stela Barthel, 2022.

Outra descoberta arqueológica foi responsável por referências ao Egito, tanto no estilo Eclético quanto no *Art Déco*, que viria a seguir: a tumba do faraó Tutancâmon, no Vale dos Reis, em 1922 (Duncan, 1988). O Mausoléu-Capela (Figura 10) imita as paredes inclinadas dos templos egípcios (pilones, um tipo de pórtico em forma de pirâmide truncada). O edifício em pedra é simples e pequeno e tem um letreiro sobre a porta (Família Santiago Infante), com moldura em relevo e um crucifixo em pedra. Nas quatro laterais, vasos de pedra colocados sobre um pedestal, com uma chama estilizada, em pedra.



Figura 10: Mausoléu-Capela Eclético. Fonte: Stela Barthel, 2022.

O Mausoléu-Capela da Figura 11, do ator de teatro Cláudio de Souza, faz referência ao teatro, com as máscaras do riso e do choro na platibanda. O entablamento tem relevos e é sustentado por quatro colunas com capitéis estilizados e duas pilastras com capitéis Jônicos. Há uma espécie de varanda, onde estão posicionadas três estátuas de bronze e na frente, há um pequeno palco com arquibancada. O edifício foi construído em pedra.



Figura 11: Mausoléu-Capela Eclético. Fonte: Stela Barthel, 2023.

O estilo Neocolonial

Surgido no início do século XX no Brasil (1914), faz uma releitura dos elementos da tradicional arquitetura portuguesa feita pelos colonos, com o emprego de novos materiais. Curiosamente foram dois estrangeiros os precursores: o engenheiro, arquiteto e arqueólogo português Ricardo Severo e o arquiteto franco-argentino Victor Dubugras (que tem obras *Art Nouveau* e *Art Déco*), sendo Lucio Costa um dos expoentes, na fase inicial da sua carreira, nos anos 30. O termo foi cunhado pelo médico pernambucano José Marianno Filho, que foi também crítico de arte e arquitetura e diretor da Escola Nacional de Belas Artes (Enba). O estilo abarcou, além da arquitetura, móveis e artes utilitárias (Kessel, 2008), sendo um movimento artístico-cultural. Uso

de elementos da arquitetura religiosa barroca, como volutas, azulejos, frontões que remetem a conventos e igrejas, beirais, treliças, fontes etc. Apesar do prefixo “Neo”, não foi Ecletismo e sim um prenúncio do Modernismo, perdendo sua força justamente por causa do advento deste último. Foram selecionados três edifícios, que representam 12% do total da amostra.

A Figura 12 (a e b) mostra túmulos Neocoloniais, sendo o do lado esquerdo mais simples, com um frontão curvo, com frisos de pedra arrematados por volutas e um crucifixo em pedra e azulejos em branco e azul e um letreiro na base do frontão: Família De Botton. O do lado direito mostra um frontão curvo mais elaborado, também com frisos e volutas, azulejos em branco e azul, dois pilaretes, uma falsa fonte composta por uma pia e uma face (nas fontes verdadeiras, por onde a água deveria jorrar), ambas em pedra. Este encontra-se danificado, um dos frisos com voluta se desprendeu. Há ainda dois vasos em mármore branco, para flores.



Figura 12: Túmulos Neocoloniais. Fonte: Stela Barthel, 2022.

Na Figura 13, o Mausoléu-Capela das famílias do historiador e político Pedro Calmon e Caillet, cuja inscrição se encontra abaixo do óculo em pedra. O modelo é o de uma pequena capela do período Barroco, com frontão curvo, com frisos arrematados por volutas, em pedra, dois coruchéus, uma pequena janela imitando as das torres sineiras, um crucifixo em pedra e cornijas também em pedra. Sobre a porta, um medalhão com o brasão da família, cercado por volutas em pedra. A porta é uma grade de ferro e há dois cunhais em pedra, nas laterais do edifício.



Figura 13: Mausoléu-Capela Neocolonial. Fonte: Stela Barthel, 2022.

O estilo *Art Déco*

Surgido na França e nos Estados Unidos no período entre guerras (1918-1939), no Brasil o estilo alcançou o final dos anos 50 e em alguns lugares, como no Recife, até o início dos anos 60 (Barthel, 2015). Uso de elementos geométricos, simetria e planos superpostos, escalonamento e estilização de elementos da fauna e da flora. Incorporou elementos egípcios (Duncan, 1988) e

no Brasil, elementos Marajoaras (do estado do Pará, da Ilha de Marajó). Os jazigos neste estilo são numerosos, assim como os Mausoléus-Capela. Foram selecionados quatorze edifícios, que representam 56% do total da amostra.

Na Figura 14 (a e b), dois jazigos do tipo Mausoléu-Monumento, ambos da Marinha do Brasil (Barthel; Ramos, Castro, 2020). O do lado esquerdo, de 1924, homenageia os mortos do encouraçado São Paulo. Tem planos superpostos e escalonamento e no medalhão se representa a embarcação, que depois foi replicada em uma medalha comemorativa. O do lado direito tem estátuas de figuras masculinas do escultor Hildegardo Leão Velloso (Piovesan; Grassi, 2014), homenageia os marinheiros da Divisão Naval em Operações de Guerra, também com escalonamento, superposição de planos e simetria. Construído em 1928, em alvenaria, revestido em placas de granito, guarda os restos mortais de cento e cinquenta brasileiros mortos na Primeira Guerra Mundial, que se encontravam sepultados no cemitério de Dacar, capital do Senegal, na África, sendo transferidos para este cemitério e que não se encontram identificados, apenas os nomes dos navios, que foram abatidos em operações de guerra. Pode-se entrar neste Mausoléu-Monumento, há uma área interna.



Figura 14 (a e b): Mausoléus-Monumento Art Déco. Fonte: Stela Barthel, 2022.

Um Mausoléu-Capela chama a atenção pelas obras de arte incorporadas (Figura 15 – a e b). É o do Visconde de Moraes, com escalonamentos e superposição de planos, aberto, com várias

obras de arte, como estátuas, cúpula com mosaico de azulejos, relevos geométricos, guirlandas, letreiro etc. No interior, um pedestal em mármore, com uma estátua em bronze, deitada, simbolizando o morto. O edifício é feito em pedra e assenta-se sobre um pódio, com escadaria.



Figura 15 (a e b): Mausoléu-Capela Art Déco. Fonte: Stela Barthel, 2022.

A figura 16 apresentam dois túmulos mais simples, o do lado esquerdo com escalonamento e planos superpostos, com relevo e inscrições, em granito avermelhado. O do lado direito, da Família de Antônio Teixeira da Cunha, mostra uma composição geométrica, com frisos superpostos numa das laterais. Contém relevos e inscrições e está revestido em granito avermelhado.



Figura 16 (a e b): Túmulos Art Déco. Fonte: Stela Barthel, 2022.

Os dois Mausoléus-Capela (Figura 17) apresentam platibandas com elementos geométricos, o do lado esquerdo com escalonamento e frisos, placa metálica com inscrições sobre a porta de metal e vidro (Família Couto Ferraz), duas colunas ladeando a porta. O edifício é em pedra, assim como o do lado direito, mais simples, com porta em metal e frisos sob grades de ferro e vidro, com uma inscrição sobre a porta (Família Souza Coelho).



Figura 17 (a e b): Mausoléus-Capela Art Déco. Fonte: Stela Barthel, 2022.

Os dois Mausoléus-Capela (Figura 18 – a e b) são feitos em pedra. O do lado esquerdo apresenta superposição de planos, com frisos nas laterais e composição geométrica, com uma abertura em formato de cruz. O do lado direito tem escalonamento no frontão, em forma de cruz, revestido de granito, detalhe que acompanha o arco pleno com frisos. Uma placa informa: “Manoel Gomes da Costa e os seus”. No tímpano, há um relevo em bronze, a porta é de metal com vidros, com elementos de adorno da flora, estilizados e medalhões, adornada por colunas da ordem Coríntia e há uma pequena escadaria.



Figura 18 (a e b): Mausoléus-Capela Art Déco. Fonte: Stela Barthel, 2022.

Os Mausoléu-Capela (Figura 19) são em pedra. O do lado esquerdo faz referência ao Egito, com hieróglifos e paredes inclinadas e tem um letreiro: Família Carvalho de Mendonça. O edifício tem platibanda escalonada, um pórtico sobre a porta e grade em ferro, com flora estilizada (papiros, planta aquática do Rio Nilo). O do lado direito tem platibanda escalonada, adornada com elementos da flora estilizados, duas colunas adossadas, com capitéis e está pintado de Rosa. Encontra-se sem a porta.



Figura 19: Mausoléus-Capela Art Déco. Fonte: Stela Barthel, 2022.

O conjunto da Figura 20 sintetiza os três tipos de jazigos analisados neste artigo. Há um túmulo, um Mausoléu-Capela e um Mausoléu-Monumento. Estão agregadas a eles obras de arte, como estátuas. O jazigo do lado esquerdo, um Mausoléu-Monumento, está revestido em granito preto, assim como os demais. Tem composição geométrica escalonada e duas estátuas em pedra, ladeando os planos inclinados. Há um relevo com flora estilizada sobre um vaso, que ostenta um brasão em pedra e chamas, também estilizadas e em pedra. O Mausoléu-Capela ao centro apresenta uma estilização da Cruz de Malta, sobre um letreiro com o nome da família, platibanda escalonada, porta em metal e vidro. O túmulo do lado direito apresenta composição geométrica, com duas estátuas em pedra e escalonamento. Em torno deste conjunto, há paisagismo, com canteiros floridos.



Figura 20: Mausoléu-Monumento, Mausoléu-Capela e Túmulo *Art Déco*. Fonte: Stela Barthel, 2022.

Considerações Finais

Este pequeno inventário foi realizado através de levantamento fotográfico e os estilos analisados no universo da pesquisa contemplam uma ínfima parcela da população ali sepultada, que se enquadra como parte da elite, embora o cemitério comporte diferentes classes sociais. A análise visual foi o recurso usado, no sentido de registrar a cultura material funerária, o que equivale a dizer que de alguma forma, os jazigos chamavam a atenção, seja pelo edifício em si ou pelo conjunto envolvido, com obras de arte de escultores famosos, brasileiros ou estrangeiros e paisagismo, com canteiros floridos. Os jazigos analisados se encontram em áreas valorizadas, próximos das alamedas principais e mais visíveis. Nota-se a preocupação das famílias em mostrar a sua importância, através do estilo escolhido e das obras de arte agregadas, além de materiais considerados nobres, como o mármore e o granito preto e avermelhado e gradis de ferro fundido. A maioria dos jazigos analisados foi feita em pedra.

Os jazigos contam a história da sociedade através dos estilos empregados, com seus materiais, suas técnicas e seus elementos característicos, aqui assinalados. Ficaram faltando os registros de três estilos encontrados no cemitério, que não foram fotografados desta vez, o Neogótico, o *Art Nouveau* e o Modernista, o que dá margem a novas pesquisas, no sentido de se contribuir

com os estudos de Arqueologia Funerária e Arquitetura. Apesar de ser uma amostra pequena, já se notam as diferenças entre um estilo e outro. São mais numerosos os jazigos do estilo *Art Déco*, que dos quatro, é o estilo mais recente e que abarca os três tipos de jazigos analisados, o Mausoléu-Capela, o Mausoléu-Monumento e o Túmulo. Este estilo foi adotado por todas as classes sociais, pela facilidade de ser reproduzido e isto foi um fenômeno mundial. Os jazigos do estilo Neoclássico, mais rebuscados e elaborados, são todos do tipo Mausoléu-Capela. Os três jazigos do estilo Eclético são também todos do tipo Mausoléu-Capela, que foi o tipo mais usado (são dezessete) dos edifícios escolhidos. Os túmulos são mais simples, usados no estilo Neocolonial e no estilo *Art Déco*.

Referências

BARTHEL, S. G. A.; RAMOS, A. C. P.T.; CASTRO, V. M. C. 2020. Estilos Arquitetônicos em Espaços Cemiteriais: Contribuição aos Estudos de Arqueologia Funerária. *Revista Noctua*. Vol. 2, n. 5, p. 107-141.

BARTHEL, S. G. A. 2015. *Vestígios do Art Déco na Cidade do Recife (1919-1961): Abordagem Arqueológica de um Estilo Arquitetônico*. Tese de Doutorado em Arqueologia e Conservação do Patrimônio. UFPE, Recife.

BERREDO, A. L.; GASPAS, M.; RODRIGUES-CARVALHO, C. 2022. Cemitério dos Desvalidos do Rio de Janeiro Antigo. *Revista de Arqueologia*, Vol. 35, n. 3, set.-dez., p. 69-90.

BORGES, M. E.; SANTOS, A. R.; GOMES, L. T. S. 2010. *Estudos Cemiteriais no Brasil: Catálogo de Livros, Teses, Dissertações e Artigos*. CEGRAF-UFG, Goiânia.

BORGES, Maria Elizia. 2016. O Cemitério como “Museu a Céu Aberto”. VII Congresso Internacional *Imagens da Morte: Tempos e Espaços da Morte na Sociedade*.

CASTELLS, M. 1983. *A Questão Urbana*. Paz e Terra. Rio de Janeiro.

CASTRO, V. V. 2007. *Das Igrejas ao Cemitério: Políticas Públicas Sobre a Morte no Recife do Século XIX*. Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Recife.

Cemitério São João Batista. Disponível em: www.cemiteriosaojoabatista.com.br Acesso em: 13 fev. 2023.

Cemitério São João Batista. Disponível em: www.conseccionariariopax.com.br Acesso em: 16 fev. 2023.

Cemitérios Públicos- Cemitério de São João Batista. Disponível em: www.cemiteriosdorio.com.br Acesso em: 17 fev. 2023.

COSTA, R. X.; SILVA, A. C. B. da. 2023 (fev.). Jazigo Perpétuo: o Cemitério de Santo Amaro no Recife como Museu a Céu Aberto. Ritur- Revista Iberoamericana de Turismo. Vol. 13, Dossiê n. 5, p. 149-163, Penedo.

CYMBALISTA, R. 2001. Cidade dos Vivos- Arquitetura e Atitudes Perante a Morte nos Cemitérios do Estado de São Paulo. Annablume/FAPESP, São Paulo.

Dicionário Michaelis Online. Disponível em: www.michaelis.uol.com.br Acesso em: 7 fev. 2023.

DUNCAN, A. 1988. Art déco. Londres, Thames & Hudson.

FIGUEIREDO, O. M. 2012. Desvendando as Necrópoles da Cidade do Rio de Janeiro: O Exemplo do Cemitério São João Batista. Dissertação de Mestrado em Geografia. UERJ, Rio de Janeiro.

GRASSI, C. 2016. Estudos Cemiteriais. In: GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A. (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2ª. IPHAN/DAF/COPEDOC, Rio de Janeiro/Brasília (Verbete).

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Neoclássico. História das Artes, 2023. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-18/neoclassico/>>. Acesso em 25 abr. 2023.

KESSEL, C. 2008. Arquitetura Neocolonial no Brasil: Entre o Pastiche e a Modernidade. Universidade Estácio de Sá/ Jauá Editora/ FAPERJ, Rio de Janeiro.

LIMA, T. A. 199. De Morcegos e Caveiras a Cruzes e Livros: a Representação da Morte nos Cemitérios Cariocas do Século XIX (Estudo de Identidade e Mobilidade Sociais). Anais do Museu Paulista. São Paulo, V. 2, p. 87-150.

LUIZ, P. D. 2013 (22 a 26 de julho). Civilizar os Costumes: o Cemitério de São João Batista de Cáceres, século XIX. XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH- Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal, RN, p.1-8.

MELO, J. C. de. 2016. A Primeira Ferrovia Inglesa no Brasil: The Recife-São Francisco Railways. CEPE, Recife.

NOGUEIRA, R. de S. 2011 (julho). Descobrimo o Art Déco no Cemitério São João Batista. 9. Seminário DOCOMOMO. Interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília. p. 1-14.

ORSER JR., C. E.1992. Introdução à Arqueologia Histórica. Oficina de Livros, Belo Horizonte.

PATETTA, L. 1987. Considerações sobre o Eclétismo na Europa in FABRIS, A. (Org.). Eclétismo na Arquitetura Brasileira. Nobel, São Paulo.

PIOVESAN, A. 2018 (agosto). Vida Eterna a Serviço da Pátria. Mausoléus Militares em Cemitérios Brasileiros (1924-1982). Clio Arqueológica, p. 246-268.

PIOVESAN, A.; GRASSI, C. 2014. Morte e Guerra: o Mausoléu dos Mortos do Brasil na Primeira Guerra Mundial- Cemitério de São João Batista (1928). Revista AGCRJ, n. 8, p. 219-236.

REZENDE, E. C. M. 2007. Cemitérios. Editora Necrópolis, São Paulo, Coleção Espaços Mal Vistos.

RODRIGUES, C. 2014. A Criação dos Cemitérios Públicos do Rio de Janeiro Enquanto “Campos Santos” (1798-1851). Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, nº 8, p. 257-278.

SANTOS, M. H. dos. 2021. Práticas Funerárias Religiosas no Cemitério de São Sebastião - Vitória de Santo Antão-PE (1875-2020). Tese de Doutorado em Arqueologia e Conservação do Patrimônio. UFPE, Recife.

SILVA, M. M. M. da; ROCHA, P. V. da. 2021. Os Cemitérios como Espaço de Segregação Socioespacial: o Caso do São João Batista (RJ). Revista de Geografia –PPGEO, V. 11, n.1, p. 137-152.

SOBRAL FILHA, D. D. 2015. Béthencourt da Silva e a Cultura Arquitetônica do Rio de Janeiro no Século XIX. Tese de Doutorado em Arquitetura. UERJ-FAU-PROARQ, Rio de Janeiro.

SOUSA, A. 1999. O Classicismo Arquitetônico no Recife Imperial. UFPB. João Pessoa/Salvador.

VALLADARES, C. do P. 1972. Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. Conselho Federal de Cultura-MEC, Rio de Janeiro.